

AQUÁRIO NA SALA DE FISIOTERAPIA COM CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Alessandra Gomes ¹

Victor Marcio de Oliveira dos Santos ²

Drielly da Silva Delgado ³

Maria Eduarda de Lima ⁴

Priscila Gularte Padoin ⁵

Alessandra Sayuri Kikuchi Tamajusuku Neis ⁶

Resumo:

A Terapia Assistida Por Animais (TAA) é um recurso terapêutico que usa a integração dos seres humanos com animais em busca do bem-estar do paciente, tendo como respostas positivas observadas a diminuição da hiperatividade, da depressão, da solidão, da ansiedade, dos problemas respiratórios, das lesões cerebrais, melhoria da interação social e da superação motora, dentre outros. Entretanto, dentre os trabalhos na área não foi encontrado nenhum relato relacionado à aquariofilia, cuja atividade é definida pelo ato de criar organismos aquáticos para fins ornamentais ou de estudo, um dos assuntos estudados no curso de Aquicultura da Universidade Federal do Pampa. A partir de observações de outro projeto que consistiu em levar aquários para escolas da cidade, somado ao trabalho de um museu na Inglaterra que analisou os benefícios da observação de aquários na saúde de pessoas, percebeu-se que a aquariofilia teria potencial para servir como TAA. Tendo em vista essas informações, surgiu o interesse em contarmos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, APAE, Uruguaiana, e propusemos o projeto em pauta, que consiste, em um primeiro momento na montagem de aquário nessa instituição, para que, com acompanhamento dos profissionais de saúde que ali trabalham, pudesse ser realizada uma avaliação prévia da aplicação da técnica; e em um segundo momento, na realização de uma oficina de aquarismo a pacientes da instituição. Nessa primeira etapa, um aquário foi montado na sala de fisioterapia contendo 7 peixes da espécie kinguio, mais areia, macrófitas e pedras, provenientes do Laboratório de Aquariofilia. As fisioterapeutas da instituição começaram a levar as crianças até o aquário, variando a interação conforme o problema apresentado pelo paciente. Desde os primeiros dias, já foram descritas diversas interações dos pacientes com o Aquário, a maioria positivas demonstrando interesse pelos animais e seu ambiente. Os pacientes de diversas idades apresentaram semblante de admiração e encantamento e ao mesmo tempo, expressaram ter curiosidade pelos animais despertado pelo seu nado, suas cores e seus hábitos de filtração da areia na procura por alimento. Vale ressaltar que muitas terapias foram realizadas próximas ao aquário e que com isso os pacientes desempenharam com mais entusiasmo as atividades propostas. As fisioterapeutas atribuem este fato à proximidade com os peixes, tornando a terapia mais enriquecida e interessante. Justamente por ser um local em que se atende uma população onde há atrasos no desenvolvimento sensoriais motores, déficits cognitivos e dificuldades de interação social, o aquário se mostrou um excelente instrumento para o desenvolvimento de atividades que buscam estimular esses déficits, fugindo do tratamento convencional. Além disso, consideramos que o presente trabalho tem apresentado bons resultados no sentido de levar os conhecimentos da academia para a sociedade, na busca de agregar mais qualidade de vida através de conhecimentos conquistados.

Palavras-chave: Aquarismo, terapia assistida com animais, kinguios, APAE

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

AQUÁRIO NA SALA DE FISIOTERAPIA COM CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

¹ Aluno de graduação. aleperez098180@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. victormos1997@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. delgadodrielly3@gmail.com. Co-autor

⁴ Outro. mariaeduarda@unipampa.edu.br. Co-autor

⁵ Docente. pri.padoin@gmail.com. Co-autor

⁶ Docente. alessandratamajusuku@unipampa.edu.br. Orientador



AQUÁRIO NA SALA DE FISIOTERAPIA COM CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Assistida Por Animais (TAA) é um recurso terapêutico que usa a integração homem-animal visando alcançar o máximo desenvolvimento motor e controlar as respostas indesejadas, por meio de estímulos e recursos muitas vezes lúdicos, especialmente buscando o bem-estar do paciente (AUDI et al., 2017), tendo como respostas positivas observadas a diminuição da hiperatividade, da depressão, da solidão, da ansiedade, dos problemas respiratórios, das lesões cerebrais, das moléstias cardiovasculares, melhoria da interação social e da superação motora, dentre outros (KAWAKAMI & NAKANO, 2002).

Juliano e colaboradores (2007), afirmam que há bons profissionais da área da saúde que se interessam pelo tema, mas não têm conhecimento sobre os animais. Por outro lado, há profissionais da medicina veterinária que conhecem bem o animal, mas sabem pouco sobre os seres humanos, sendo necessária a soma de conhecimentos para a realização do trabalho.

Entretanto, dentre os trabalhos na área não foi encontrado nenhum relato relacionado à aquariofilia, cuja atividade é definida pelo ato de criar organismos aquáticos para fins ornamentais, o qual a propagação ocorre através do uso de aquários, criação, reprodução e até mesmo a comercialização de espécies aquáticas, empregando a atividade de “Aquariofilia”, conforme o Ministério da Pesca e Aquicultura (2014) conceitua a criação de peixes em aquários para fins ornamentais ou de estudo, um dos assuntos estudados no curso de Tecnologia em Aquicultura da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana. A partir de observações de outro projeto que consistiu em levar aquários para escolas da cidade, somado ao trabalho de Cracknell e colaboradores (2015), que analisou os benefícios da observação de aquários na saúde de pessoas, percebeu-se que a aquariofilia teria potencial para servir como TAA. Para tanto, e em conformidade com Chagas e colaboradores (2009), que afirmam que a TAA é uma prática a ser realizada por uma equipe multidisciplinar, contatamos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, APAE, de Uruguaiana, e propusemos o projeto em pauta, que consiste, em um primeiro momento na montagem de aquário nessa instituição, para que, com acompanhamento dos profissionais de saúde que ali trabalham, pudesse ser realizada uma avaliação prévia da aplicação da técnica; e em um segundo momento, ainda não implementado, na realização de uma oficina de aquarismo a pacientes da instituição.

2. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho foi montado um aquário de 40 litros na sala

de fisioterapia da APAE Uruguaiana, contendo o substrato de areia, macrófitas aquáticas e pedras, coletados no Campus Uruguaiana da UNIPAMPA, e um aerador. No referido aquário foram postos sete peixes kinguios (*Carassius auratus*, L. 1758) provenientes do Laboratório de Aquariorfilia da universidade.

A partir da instalação, as fisioterapeutas da instituição começaram a levar as crianças até o aquário, agindo conforme seu conhecimento técnico, variando a interação conforme o problema apresentado pelo paciente; itens tais como motricidade fina e ampla, treinada através do acompanhamento dos peixes com o movimento combinados de ombro, cotovelo, punhos e dedos, e interações tais como auxiliar na alimentação e manutenção do aquário.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Desde os primeiros dias, já foram relatadas diversas interações dos pacientes com o Aquário, a maioria positivas demonstrando interesse pelos animais e seu ambiente. Os pacientes de diversas idades apresentaram semblante de admiração e encantamento e ao mesmo tempo, tiveram curiosidade pelos animais, despertado pelo seu nado, suas cores e seus hábitos de filtração da areia na procura por alimento.

Vale ressaltar que muitas terapias foram realizadas próximas ao aquário e que com isso os pacientes desempenharam com mais entusiasmo as atividades propostas. As fisioterapeutas atribuem este fato à proximidade com os peixes, tornando a terapia mais enriquecida e interessante.

Justamente por ser um local em que se atende uma população onde há atrasos no desenvolvimento sensoriais motores, déficits cognitivos e dificuldades de interação social, o aquário mostrou-se um excelente instrumento para o desenvolvimento de atividades que buscam estimular esses déficits, fugindo do tratamento convencional.

Além disso, consideramos que o presente trabalho tem apresentado bons resultados no sentido de levar os conhecimentos da academia para a sociedade, em última análise a origem e destino do conhecimento acadêmico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos das profissionais de saúde que estão fazendo o acompanhamento dos pacientes, consideramos que a técnica é promissora, sendo, entretanto, necessárias maiores pesquisas, bem como a implementação da segunda etapa do presente projeto.

5. REFERÊNCIAS

AUDI, M.; PRIEDOLS, A.M.A.; OLIVEIRA, P.; BRACCIALLI, L.M.P.; GRANDINI, M.S. Terapia Assistida Por Animais Na Paralisia Cerebral. In: Anais do 6º Congresso Ibero Americano de Investigación Cualitativa, Salamanca, Espanha, 2017, p. 610-615.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Instrução Normativa MPA Nº16 DE 11 nov. 2014. Brasília, DF: Ministério da Pesca e Aquicultura; 2014 [acesso em 02 out 2017]. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Instrucao_normativa/2014/in_mpa_16_2014_autoriza%C3%A7%C3%A3o_captura_organismos_aquatico

s_plantel.pdf

CHAGAS, J.N.M.; SANTOS, A.M.T.; IVO, J.E.S.; VALENÇA, T.R. Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em Crianças e Adolescentes Institucionalizados. Revista Crefito 6, 14ª edição, 2009. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/TO-e-adolescentes-institucionalizados.pdf>

CRACKNELL, D.; WHITE, M.P.; PAHL, S.; NICHOLS, W.J.; DEPLEDGE, M.H. Marine Biota and Psychological Well-Being: a preliminary examination of dose-response effects in an aquarium setting. Environmental and Behavior, v. 48, p. 1242-1269, 2015.

KAWAKAMI, C.H.; NAKANO, C.K. Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) – mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro. In: Anais do SIBRACEN – 8º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem. Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 2002.